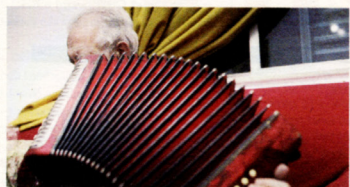


Curtas de Vila do Conde Do Tigerman ao Tio António



Manuel Halpern

António, *Lindo António*, da luso-francesa Ana Maria Gomes, ganhou o principal prémio da Competição Nacional (CN) de Vila do Conde, sendo a maior surpresa de uma edição com bons filmes e boa música.

O Curtas de Vila do Conde sempre funcionou como uma espécie de barómetro da produção cinematográfica portuguesa. E ainda que hoje em dia, com o aparecimento de outros festivais que dão destaque a curtas-metragens (sobretudo o IndieLisboa), esse papel seja partilhado, não deixa de ser a mais significativa mostra de curtas-metragens em Portugal. Este ano ficou patente que, apesar da ausência de nomes mais sonantes (à exceção de João Canijo e Gabriel Abrantes), há qualidade e uma grande diversidade de propostas na CN. Talvez se possa notar uma certa tendência rural, mas é absurdo tentar definir uma linha para a cinematografia de um país.

Dentro desse quadro próximo da ruralidade surpreendeu António,



Filmes premiados António, *Lindo António*, de Ana Maria Gomes (à esq.); *Pronto, Era Assim*, de Joana Nogueira e Patrícia Rodrigues (à dt.); e *Do Diário de um Fotógrafo de Casamentos*, de Navad Lapid (em baixo)

Lindo António, de Ana Maria Gomes (ver entrevista), que acumulou o Prémio da CN com o do Público. Um filme de uma luso-francesa em busca das raízes. Mas mais do que isso, é brilhante a forma como intervém na construção de um puzzle emocional. Tal como *Balada de um Batráquio*, de Leonor Teles, António, *Lindo António* é um documentário que não se limita ao papel de observador passivo da realidade. Ao ir buscar o seu tio há décadas desaparecido no Brasil e trazê-lo de volta para a terra, Ana Maria

está a intervir no real através de uma recolocação geográfica e sentimental, pondo a realidade a seu jeito, para que o filme aconteça (quase como se fosse uma ficcionista). Não de uma forma política (como em *Batráquio*), mas antes sentimental, tem a ousadia de fazer um filme que muda o mundo, que é como quem diz, muda aquele pequeno mundo em que se situa.

Se em António, *Lindo António* há um contraste bem explorado, mesmo em termos plásticos, entre o rural e o urbano em universos antagónicos,

noutros a ruralidade ou a vida da província surge de forma mais solta.

É o caso exemplar de Anabela Moreira que se estreia na realização, ao lado de João Canijo, com *O Dia do Meu Casamento*. A atriz deixou claro na apresentação do filme que a realização foi efetivamente sua. Um mergulho em memórias pessoais para retratar, em estilo canijano, os preparativos de um casamento de província de há duas décadas. Lembra um pouco *Inventário de Natal*, magnífica curta de Miguel Gomes.

Outro objeto híbrido e interessantíssimo, de alguma forma próximo de António, *Lindo António*, é *Por Diabos*, de Carlos Amaral, que rebusca o caso de uma jovem professora desaparecida numa aldeia em Trás-os-Montes e coloca-a em conflito com a tradição popular da crença no demónio. E houve objetos muito estimulantes, até do ponto de vista arquitetónico e cénico, como *Penúmbria*, de Eduardo Brito, ou a animação *A Casa ou Máquina de Habitar*, de Catarina Romano.

Nada disto chega à consistente ousadia de Gabriel Abrantes, sempre coerente numa linha peculiar que testa os limites, mesmo num filme mais sóbrio como *A Brief History of Princess X*, em volta do busto de Bracusi. Valeu-lhe o prémio para a melhor realização nacional.

Na Competição Internacional o grande vencedor foi *Do Diário de um Fotógrafo de Casamentos*, do israelita Navad Lapid. Um filme situado num soberbo estado de ironia, quebrando todos os clichés relacionados com as bodas, em que há um constante jogo perigoso e tenso entre a sedução e destruição, entre o "infelizes para sempre" e o "momento de loucura". O fotógrafo é a felicidade, a angústia e o ponto de fuga.

Para melhor ficção foi escolhido um filme pálido e esquelético, de grande intensidade estética, e porventura ainda mais perturbador. Assim é *Limbo*, da grega Konstantina

Kotzanani, uma dúzia de crianças paira num lugar de passagem onde ninguém quer ficar.

No Take One, secção na qual, teoricamente, se inscrevem nomes do futuro cinema nacional, a animação *Pronto, Era Assim*, de Joana Nogueira e Patrícia Rodrigues, foi uma excelente surpresa, dando voz e movimento a objetos de um sótão, mas optando por um estilo documental, confundindo balanças e chaleiras com velhotes. Um bom sinal para o futuro da animação portuguesa.

O Curtas vai muito além das competições. Este ano o programa Stereo esteve em foco. Em parte graças aos filmes concertos de dois nomes que enchem salas: Tinterstick e Jay Jay Johanson. Contudo, as propostas mais ousadas foram outras. *Legendary Tigerman*, com Pedro Maia e Rita Lino, apresentaram em primeira-mão um filme concerto (melodias e imagens originais), que empolgam o culto da personagem de Tigerman. E Pedro Maia, em *Wasteland*, uma demolidora viagem ao inferno dos sons e das imagens, aconselha apenas aos mais resistentes. Para além de Jorge Quintela (já vencedor do Curtas), com Rui Lima e Sérgio Martins, que exibiu o seu Soundscope.

Houve ainda o programa dedicada a ensaios audiovisuais, que incluiu um ótimo exemplo da portuguesa Margarida Leitão, delírio de cine-filos e estudiosos, que contou com a presença de dois nomes maiores: Thomas Elsaesser e Mark Rappaport. Esperemos que a secção seja para ficar.

Em 2017, o Curtas chega à 25.ª edição e há grandes expectativas em relação à pompa e circunstância das celebrações do número redondo. Este ano foi indistigável o clima de pré-festa numa edição em que o Curtas, mais uma vez, teve a arte de manter o elevado grau de qualidade das edições anteriores, mas talvez com menos capacidade de surpreender. ■

Ana Maria Gomes Deste mundo e do outro

Nasceu em França, mas veio ao Portugal profundo procurar as suas raízes. Ou, se calhar, as raízes de outros. Ana Maria Gomes, 34 anos, foi a maior revelação do Curtas de Vila do Conde. O seu António, *Lindo António* ganhou o prémio da Competição Nacional. Um documentário pessoal e generoso, em que parte em busca do seu tio há décadas desaparecido no Brasil. Com um amplo cuidado técnico, uma sensibilidade estética que vem da sua formação em artes plásticas, o filme comove pelo desenrolar da narrativa que ela própria força rumo à reconciliação. Uma realizadora que queremos conhecer melhor.

JL: O que fez para aqui chegar?

Ana Maria Gomes: Estudei artes plásticas na Ecole Nationale Supérieure des Arts Décoratifs em Paris. Um curso em que pude abordar o vídeo e a fotografia. E depois, na Le Fresnoy, com uma atenção especial à vídeo arte. Mas a minha base são mesmo as artes plásticas.

Eram nesse âmbito os seus filmes anteriores?

Sim, filme mais experimentais, que exploravam os lugares e as identidades. Um trabalho mais conceptual sobre a fotografia.

Mas António, *Lindo António* não tem uma ligação direta às artes plásticas?



Ana Maria Gomes

Há sequência no filme que têm um trabalho com a cor e efeitos através das luzes. Não é que procure diretamente as artes plásticas, mas sendo esse o meu background, inevitavelmente aparece. O que me interessou foi explorar o documentário em si, o confronto entre a linguagem de um género clássico com algo que entra quase no domínio do fantasmagórico.

E o que a interessou nesta história?

Particularmente as pessoas que, no fundo, são personagens. E sobretudo as pessoas que ao contar a sua história podem transformar a realidade. A minha avó é uma personagem muito forte e muito real.

Há um contraste entre dois mundos opostos: como foi filmar em Portugal e o no Brasil?

Esse contraste cativou-me muito, são duas realidades quase anacrónicas. Nunca tinha ido ao Brasil. Mas apercebi-me que é cheio de luzes e cores, extremamente dinâmico... Ao invés, Portugal é mais austero, selvagem, ligado à terra. É muito aliciente o choque entre esses dois universos, permite a reflexão.

O filme ganhou um prémio marcante em Vila do Conde. É um incentivo a fazer mais filmes em Portugal?

Ainda antes do prémio já tinha um projeto que gostaria de fazer em Portugal. Encontrei muitas pessoas sublimes ao longo deste filme e gostava de descobrir uma história para as mostrar. Normalmente o processo é esse: encontro alguém que me toca, a partir daí construo a história.

É luso-francesa, na final do Europeu torceu por quem?

Como diria aquela brasileira do meu filme, "não sou muito de ficar vendo futebol". Fiquei contente com a vitória, mas ficaria de qualquer forma. No futebol, gosto quando a câmara se aproxima dos jogadores. Quanto mais se aproxima mais se ganha em sentimento, o que é muito cinematográfico. Tenho um trabalho fotográfico sobre o Brasil - Alemanha, no mundial de futebol, à volta do David Luis. Os brasileiros ficaram muito tristes e houve ali qualquer coisa de extremamente comovente que me fascinou. ■

Manuel Halpern

Deste mundo e do outro

Jornal de Letras, Portugal [Destaque] - 20.07.2016